

## **Educação quilombola como enfrentamento ao racismo no Alto Sertão paraibano<sup>1</sup>**

Patrícia dos Santos Pinheiro (PPGA/UFPB)

Fernando Henrique Pires Mamédio (DCS/UFPB)

Gabriela Novaes Santos (PPGAS/UFPB)

### **RESUMO**

O presente trabalho propõe uma reflexão acerca da prática da educação promovida pela Comunidade Quilombola de Cruz da Tereza, situada na cidade de Coremas, alto sertão paraibano, em parceria com o projeto de extensão Histórias de Quilombo. Apresentamos processos e materiais didáticos-pedagógicos produzidos pela comunidade desde 2021, como a produção da cartilha “Aprendendo com os Quilombos de Coremas”, aulas de reforço escolar, fichas de acompanhamento pedagógico, oficinas artísticas/artesanais, horta educativa, além de atividades temáticas que ressaltam a identidade quilombola e cultura afrobrasileira. Enfatizamos os processos de formação e capacitação dos(as) educadores(as) quilombolas, sublinhando a importância de profissionais engajados(as) na busca por valorizar as habilidades pedagógicas, baseadas em perspectivas quilombolas, como cerne do processo educativo. Destarte, o presente texto oferece uma visão sobre a prática da educação quilombola, que se produz nas mais variadas formas de organização comunitária como parte de uma educação diversa e contextualizada, considerando as relações da comunidade com o território, os saberes tradicionais e a memória coletiva.

Palavras-chaves: quilombo; educação das relações étnicorraciais; cartilha didática.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024).

## INTRODUÇÃO

A Lei 10.639/03, que estabelece as diretrizes da temática “História e Cultura Afro-Brasileira” na base da educação nacional e no currículo oficial da Rede de Ensino público, é importante para impulsionar a discussão sobre a educação das relações etnicorraciais diante das desigualdades perpetuadas, incentivando a democratização e o maior contato com a cultura africana e afrobrasileira nas escolas do Brasil. Na educação formal, sua implementação requer revisão dos currículos, formação de professores e adaptação das práticas pedagógicas para incluir de maneira adequada história e cultura afro-brasileira, promovendo um ambiente escolar mais inclusivo (Brasil, 2010).

No entanto, o espaço escolar reflete a sociedade e suas contradições, sendo palco de conflitos e desigualdades múltiplas e sobrepostas, que produz um ideal abstrato dos sujeitos, ao mesmo tempo que transmite neutralidade em seus conteúdos curriculares. Em contraponto ao que foi definido pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica (DCNEEQ), apreendemos que a escola ou as organizações educacionais não consideram as especificidades históricas, culturais, sociais, políticas, econômicas e identitárias das comunidades quilombolas (Brasil, 2012).

Nesse sentido, as aulas de reforço escolar da União dos Negros Quilombolas de Coremas (Unequico) cumprem um importante papel ao fortalecer os conteúdos ensinados, especialmente os relacionados à cultura afro-brasileira e às relações etnicorraciais, proporcionando oportunidades para preencher lacunas de aprendizado e explorar temas mais aprofundadamente a partir da sua própria história enquanto quilombolas. Essa interação é crucial para promover uma educação que reconheça e valorize a diversidade cultural, contribuindo para a redução das desigualdades etnicorraciais no Brasil e garantindo acesso igualitário a uma educação de qualidade para todos os alunos.

Neste sentido, o presente trabalho propõe uma reflexão acerca da iniciativa de educação promovida pela Comunidade Quilombola de Cruz da Tereza, situada na cidade de Coremas, alto sertão paraibano. Descrevemos os caminhos e mecanismos delineados pela atuação da Unequico para fortalecer a educação quilombola a partir de atividades pedagógicas e do aprendizado de crianças e adolescentes com base nos saberes quilombolas e nos conteúdos escolares, visando

dirimir o racismo estrutural, o apagamento da história e dos aspectos culturais locais na rede de ensino municipal da cidade.

Fundada em 2012, a Unequico tem buscado estimular o reconhecimento, a valorização cultural e a inclusão social dos quilombolas das três comunidades presentes em Coremas (Cruz da Tereza, Mãe D'água e Barreiras) na sociedade, por meio das redes de solidariedade formadas a partir da ancestralidade, com ações de fortalecimento comunitário, melhoria nas condições de saúde e educação da população. A equipe da organização é formada por mais de 90% de quilombolas da Comunidade de Cruz da Tereza, local de funcionamento da sede, sendo seis pessoas da comunidade, além de oficinas quilombolas. Desde 2020, a Unequico conta com a parceria do projeto de extensão Histórias de Quilombo<sup>2</sup>.

A iniciativa da Unequico de promover o reforço escolar gratuito para crianças e adolescentes quilombolas da rede pública de ensino é singular na região do Alto Sertão, considerando o alto índice de evasão escolar e a defasagem no ensino e letramento dessas crianças e adolescentes. São cerca de 50 crianças e jovens, entre 6 e 17 anos, do 1º ao 7º ano, que são atendidos diariamente na sede da ONG, com atividades de reforço escolar, a horta educativa, oficinas, além de eventos festivos, como a festa tradicional de São João, o Dia do Estudante, Dia das Crianças, Dia da Consciência Negra, o cine quilombola e as oficinas de louça de barro, quando o público se expande para as famílias e para a comunidade como um todo, chegando a até 2 mil pessoas.

Apresentaremos neste paper processos, atividades práticas e materiais didáticos-pedagógicos produzidos a partir de 2020, fruto da parceria entre a ONG e o projeto Histórias de Quilombo. Inicialmente serão apresentados dados sobre o processo de alfabetização a partir das fichas de acompanhamento pedagógico, implementadas em 2021, como ferramenta para avaliar e monitorar o desenvolvimento e aprendizagem das crianças, com base na ênfase e aprimoramento dos processos de formação e capacitação dos(as) educadores(as) locais, sublinhando a importância de profissionais engajados(as) na busca por valorizar as habilidades pedagógicas, baseadas em perspectivas quilombolas, como cerne do processo educativo.

Na sequência, apresentamos como as atividades realizadas na horta educativa/comunitária contribuem para o fortalecimento da história, do território e dos saberes

---

<sup>2</sup> Projeto de extensão vinculado à Universidade Federal da Paraíba entre os anos 2017 e 2023. Atualmente presta assessoria voluntária à Unequico. Ver mais informações em: <https://www.antropoeticas.com/hist%C3%B3rias-de-quilombo>.

tradicionais a partir do manuseio, plantio e colheita de ervas medicinais e hortaliças produzidas na comunidade. Por fim, abordaremos a produção da cartilha “Aprendendo com os Quilombos de Coremas”, que contou com a participação de educadores e estudantes quilombolas, assim como de pesquisadoras de diferentes universidades.

Ao reunir aqui essas atividades, buscamos contribuir para o fomento do debate teórico e metodológico sobre esses processos educativos promovidos em contextos biointerativos, como ensina o mestre Antônio Bispo, e de diversidade cultural. Para tanto, oferecemos uma visão sobre a prática da educação quilombola, que se produz nas mais variadas formas de organização comunitária como parte de uma educação diversa e contextualizada, considerando as relações da comunidade com o território, os saberes tradicionais e a memória coletiva.

## **OS DESAFIOS DA ALFABETIZAÇÃO ALIADA À EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ETNICORRACIAIS: o cotidiano da Unequico**

O município de Coremas, no Alto Sertão paraibano, não está isento de situações de racismo e discriminação tão recorrentes em todo país, apesar da presença de três comunidades quilombolas e de ser composto por significativa parcela de população negra. Ao longo dos quase quatro anos em que ocorre a parceria entre universidade e Unequico, muitas foram as experiências relatadas pela comunidade de dificuldade de acesso a direitos básicos, como saúde e educação, e de racismo, inclusive em espaços educativos, vivenciadas por educadores(as) quilombolas do município. Um dos muitos relatos daquilo que os(as) educadores(as) enfrentam foi que livros paradidáticos sobre a cultura afrobrasileira e relações etnicorraciais destinados às escolas municipais foram encontrados no lixo<sup>3</sup>.

Em contraposição a esse cenário local, reflexo de questões estruturais brasileiras, quando se chega à sala de aula da Unequico, encontramos um local com uma pequena biblioteca de livros infantis, como "O cabelo de Lelê" e "O pequeno príncipe preto", além da cartilha "Aprendendo com os quilombos de Coremas", produzida em parceria com a própria Unequico. As paredes estão repletas de desenhos produzidos pelas crianças, que vão desde imagens de uma menina com cabelo black power com aplicação de feijões até pinturas de dona Salete e de Seu

---

<sup>3</sup> Estes livros foram recolhidos do lixo e reaproveitados na comunidade.

Tomás do Doce, duas grandes referências da comunidade quilombola de Cruz da Tereza que têm sua história contada na cartilha. Peças de barro estão nas estantes, telhas pintadas e, na parte central da peça, as cadeiras e mesas para as crianças.

*Figuras 1 e 2: Atividade de pintura e colagem com feijão.*



*Fonte: Acervo da Unequico, Coremas, 2023.*

Esses materiais são resultado de inúmeras atividades temáticas, como oficinas artísticas de pinturas em telhas de barro, papéis A4 e sulfite com tinta guache, lápis de cor e giz de cera, onde as crianças puderam explorar sua criatividade, desenhando e pintando características físicas do território, como as casas dos antigos moradores, ervas medicinais e o próprio açude que cerca a comunidade. São realizadas também atividades de colagem com pó de café, algodão e colorau que são utilizadas para ilustrar aspectos culturais presentes no cotidiano da comunidade e aqueles que fizeram parte da história dos ancestrais. Também aconteceram oficinas com tintas naturais, de produção de papel reciclado<sup>4</sup> e de animais marinhos<sup>5</sup>. As crianças demonstram grande entusiasmo em participar dessas atividades, contando com a adesão e interação de todas.

<sup>4</sup> A oficina de papel reciclado foi ministrada pelas colaboradoras da UFPB com a participação dos membros da Unequico que, a partir da reutilização de jornais e revistas, demonstraram e conduziram as crianças no passo a passo para a fabricação do papel, iniciando com a trituração, picotagem e despejo na tela em formato de papel A4.

<sup>5</sup> Oficina ministrada pela bióloga marinha Maristela Pinheiro, que despertou a curiosidade e imaginação das crianças, que não conhecem pessoalmente o oceano mas que fizeram associações aos animais encontrados no açude de Coremas.

Na Unequico os(as) educadores(as) que estão ou já passaram pela Unequico, Ana Cristina, Ely Elany, Rita de Cássia e João Palitot, ministram aulas das disciplinas de Português, Matemática, Educação Física, Artes e História Afro. Com o propósito de fortalecer o processo de aprendizagem desses estudantes, estes(as) educadores(as) usam como base as habilidades da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), sobretudo, nas disciplinas de Português, Matemática e Educação Física<sup>6</sup>.

Entre o conteúdo, na disciplina de português são fornecidas aulas de produção e interpretação de textos, leitura coletiva e individual, formação de palavras e pequenas frases, ditados e rodas de conversas. Na disciplina de matemática são abordados assuntos como contagem e reconhecimento dos números, operações matemáticas, figuras geométricas, contagem de cédulas e moedas, leitura de relógios etc. No que diz respeito às aulas de educação física, estão sendo ofertadas tanto aulas teóricas, que abordam contação de histórias e das possibilidades expressivas dos sujeitos, quanto práticas, com alongamentos e atividades de baixa intensidade, propondo aos estudantes a ampliação da sua consciência corporal, autonomia e respeito nos âmbitos cultural e escolar.

*Figura 3: Aula de matemática com a prof.a. Ana Cristina. Coremas, 2023.*

---

<sup>6</sup> Como cerne do processo educativo, é imprescindível destacar a importância de educadores(as) engajados(as) e bem capacitados(as) para valorizar as habilidades pedagógicas baseada na educação quilombola. Assim, a Unequico dispõe de formação de graduação para as educadoras, como a professora Ana Cristina, graduada em Pedagogia e pós-graduada em Psicopedagogia e Neurociência, bem como a professora Ely Elany, atualmente estudante de Pedagogia, ambas na Universidade Paulista (UNIP).



Fonte: Instagram da Unequico (@unequico\_oficial), Coremas, 2023.

Figura 4: Aula de educação física com o prof. João.



Fonte: Instagram da Unequico (@unequico\_oficial), Coremas, 2024.

Já nas disciplinas de Artes e História Afrobrasileira, são desenvolvidas as habilidades socioemocionais das crianças, com atenção para a memória e o fortalecimento dos vínculos com a sua historicidade e ancestralidade. Assim, são realizadas aulas de leituras lúdicas que reforçam



o imaginário coletivo e que valorizam a cultura quilombola e a identidade afrobrasileira, seguidas de atividades temáticas de desenho, pintura e colagem. A Unequico também promove exposições de filmes e curtas metragens no Cine Afro, que aborda a temática quilombola para crianças e membros da comunidade de Cruz da Tereza, como fomento ao despertar de uma visão crítica e emancipatória sobre as lutas e conquistas do seu povo. Apesar de ter sido recentemente incrementado ao quadro de atividades da organização, em 2023, o Cine Afro aproxima a comunidade da sua história, reforça os laços de parentesco e rebusca a memória tecendo novos afetos.

Uma importante ferramenta para potencializar essas ações é a cartilha “Aprendendo com os quilombos de Coremas”<sup>7</sup>, que se soma aos livros didáticos na valorização da identidade quilombola. As cartilhas foram construídas movidas pelas questões: quais histórias lemos nos livros? E quais não lemos? Por que? Do ato de escutar e contar histórias dos ancestrais quilombolas de Coremas, o grupo se empenhou não somente no registro escrito e visual de memórias, mas sim em uma forma de multiplicar e tornar acessíveis essas histórias<sup>8</sup>.

Com a proposta de criar um material didático contextualizado e acessível, a cartilha conta a história das três comunidades localizadas no município - Barreiras, Mãe d’Água e Cruz da Tereza. Essa trajetória implica em falar, por exemplo, sobre a comunidade do Navio, quilombo secular que foi inundado durante a construção de obras de combate à seca na região no início do século XX e de onde muitas famílias quilombolas se originaram. Implica em falar em condições de trabalho precarizadas no cultivo do algodão ou na pecuária realizada em fazendas do município. Conta também sobre dona Francisca, dona Salete, seu Tomaz do Doce e seu Zé Pequeno, todos anciãos das comunidades quilombolas do município<sup>9</sup>. Ou ainda, na necessidade de reforçar a alfabetização das crianças e de incluir conteúdos que deveriam fazer parte do

---

<sup>7</sup> Realizada em processo colaborativo entre ONG e universidade, com participação do Observatório Antropológico (UFPB e Unila), projeto Histórias de Quilombo (UFPB) e educadores e crianças quilombolas de Cruz da Tereza. A Cartilha está em sua 2ª edição (tiragem de 850 exemplares), apoiada pelos Institutos Phi e Solea.

<sup>8</sup> Cartilhas são uma importante forma de divulgar as atividades de extensão e pesquisa no projeto Histórias de Quilombo. Tem sido uma ferramenta para a quebra de fronteiras entre ensino/pesquisa/extensão, potencializando diálogos, interesses e desejos mútuos entre conhecimentos acadêmicos formais e conhecimentos populares. Até o momento, foram feitas duas cartilhas neste projeto, a outra foi Plantas que têm história: Mituaçu, publicada em 2022, fruto de quatro anos de atividades no quilombo de Mituaçu, PB e foi realizada com o apoio do CNPq (Edital Universal 2018) e com recursos próprios. Ambas estão disponíveis em <https://www.antropoeticas.com/hist%C3%B3rias-de-quilombo>.

<sup>9</sup> Após o lançamento da cartilha, infelizmente Seu Tomaz e dona Salete faleceram.



cotidiano das escolas, como aqueles das leis nº 10.639/2003 e 11.645/2008, porém ainda não ocorrem de modo satisfatório.

É um conteúdo contextualizado e que diz respeito às memórias quilombolas de Coremas, que mostra durezas mas também festividades, como a Quadrilha Junina, e a prática da capoeira. Esses conteúdos deram corpo a atividades didáticas como caça palavras, jogo dos 7 erros, exercícios matemáticos e atividades de redação livre. Para a sua elaboração, contamos com muitas mãos: os educadores Ely Elany, João e Ana Cristina fizeram entrevistas com os anciãos; os estudantes, pesquisadoras e professoras dos cursos de Desenvolvimento Rural (Unila), Ciências Sociais e Antropologia (UFPB) elaboraram os textos. Os desenhos foram feitos em oficinas com as crianças atendidas pela Unequico e por um estudante de Ciências Sociais. Assim, coube a esse conjunto de pessoas realizar, de modo alternado, uma série de atividades que englobam desde a concepção do conteúdo até a distribuição do material.

Com a segunda edição no ano de 2022, o material já foi distribuído em 18 quilombos e inúmeras escolas do Alto Sertão da Paraíba, com objetivo de estimular que contassem suas próprias histórias, gerando uma recepção que mostrava que o ler faz mais sentido quando há uma identificação com o conteúdo apresentado.

A elaboração da cartilha, instigada pela problematização da invisibilidade das memórias afrodescendentes, trouxe reflexões sobre o processo de construção do conhecimento em si, que envolvem diferentes perspectivas, escolhas sobre conteúdos a serem publicizados e uma posição de autoria compartilhada. Potencializou, desse modo, os diálogos entre conhecimentos acadêmicos e populares e suas ressonâncias. Para o mestre Antônio Bispo (2015), parte da luta do povo quilombola reside na relação constante entre o saber sintético (colonialista, como o Estado e a Universidade, que intervêm para compor o mundo do ter) e o saber orgânico (que se desenvolvem para compor o mundo do Ter).

No entanto, a relação que estabelecem os diferentes tipos de conhecimento tampouco é o mesmo. Enquanto o conhecimento sintético, para Bispo, atua no “limite” na relação com a diferença, assim como faz com a propriedade privada, e estabelece relação com o conhecimento orgânico através da lógica de impor seu conhecimento aos demais e a falta de escuta, o conhecimento orgânico atua na “fronteira”, na possibilidade de um diálogo sem se deixar capturar ou aprisionar pelos conhecimentos sintéticos.

*Figuras 5 e 6: atividade de homenagem a Dona Salete e Seu Tomaz do Doce.*



*Fonte: Instagram da Unequico (@unequico\_oficial), Coremas, 2024.*

Partindo de uma perspectiva de ensino pedagógica e multidisciplinar, as atividades de reforço escolar, temáticas e artísticas aqui listadas têm possibilitado alcançar resultados significativos no processo de alfabetização e aprendizagem das crianças e jovens. Assim, no Quilombo de Cruz da Tereza acontece um processo educativo que procura despertar a curiosidade e abrir novas portas, ao mesmo tempo que é contextualizado à vida cotidiana e às memórias dos mais velhos, biointerativo e de uma educação baseada nas situações sociais de “aprender-ensinar-aprender” (Gusmão, 2020). Nela, o saber é apreendido sem intencionalidade explícita, mas durante o próprio fazer e viver; uma educação que transcende o espaço da educação escolar.

## **PRÁTICAS EDUCATIVAS EM TERRITÓRIOS TRADICIONAIS**

Para além da sala de aula da Unequico, duas atividades práticas importantes estão sendo realizadas pela organização. Uma delas se trata da horta educativa da Unequico. Fica nos fundos

de um terreno de uma igreja, em um pequeno espaço cedido temporariamente de 11m de comprimento, 2,40m de altura e 4m de frente, que abriga uma série de canteiros coloridos onde crescem viçosos coentros, alfaces, cebolinhas e tomates. Para que as lagartas e outros insetos não entrem, está toda resguardada com sombrite.

A horta começou a ser preparada em agosto de 2023, ação coordenada pela tutora Ana Lucia Tomaz, junto com voluntários da comunidade e da Unequico e durou cerca de três meses, com a limpeza, metragem e nivelamento do terreno. Ana Lúcia cursa o técnico em Agropecuária pelo Instituto Federal da Paraíba (IFPB) e também compartilha laços de parentesco com diversos membros da Unequico. Os canteiros foram feitos de garrafas pet e de pneus usados pintados de diversas cores, em formas de desenhos, como estrelas, sol, meia-lua, quadrados etc., deixando o espaço convidativo para as crianças.

Com os canteiros prontos, a horta passou a ser manejada por Ana Lúcia, Ellen, Ely Elane e as crianças, que fazem todo o processo de plantio, manejo e colheita, guiadas pelas educadoras, dando início às atividades pedagógicas ainda em curso. Sem fazer uso de agrotóxicos, Ana Lúcia alia conhecimentos aprendidos no curso técnico com o que traz de sua trajetória no roçado. Ela faz questão de lembrar que a base de seu conhecimento vem daquilo que aprendeu com sua família no sítio na localidade de Pedras Pretas, plantando o milho, o feijão e outras culturas.

Figura 7: Divulgação da horta educativa da Unequico pelo Instituto Solea, com Ellen, Maria do Desterro e Ana Lúcia, acompanhadas das crianças atendidas.



Fonte: Instagram da Unequico (@unequico\_oficial), Coremas, 2024.

Reestabelece-se uma ponte com o que é tradicionalmente feito na comunidade e mostram-se novos horizontes. Não mais relacionada a uma infância de privações extremas e de trabalho árduo para sobrevivência, mas sim tendo contato com o plantio - de hortaliças, nesse caso - com a condução e tutoria dos professores, que permitem que esse seja um momento lúdico para as crianças e de abertura de um outro olhar, positivo, sobre aquilo que seus avós e pais faziam ou ainda fazem.

Já a segunda atividade prática diz respeito à louça de barro. O quadro socioeconômico nos quilombos de Coremas não é alentador. As mulheres da comunidade de Cruz da Tereza possuem uma baixa empregabilidade de carteira assinada, sendo submetidas muitas vezes a trabalhos informais e mal remunerados, sendo um dos mais comuns a manufatura de redes de pesca que são vendidas por preços irrisórios. Ainda há também forte migração para outras regiões do país, como São Paulo, em busca de trabalho, pela falta de opções locais.

Por outro lado, é bastante comum vermos nas casas de toda a cidade peças de barro como painéis, filtros de água, gamelas, cuscuzeiras, copos e jarras. Quem faz essa louça são tradicionalmente quilombolas, especialmente de Mãe D'água, que produzem em suas casas, com fornos nos quintais. É um conhecimento muito antigo, passado de geração para geração, que é

importante não somente para o uso próprio quanto para a venda, que era feita em feiras da região. Já houve, no passado, projetos de apoio às louceiras, porém não tiveram continuidade.

As mulheres seguiram fazendo, mas não contam com local de trabalho adequado, nem equipamentos e mesmo certos tipos de barros que são específicos para fazer algumas peças. Assim, a produção fica limitada e não conseguem acessar outros mercados que não o local. Ainda assim, a renda de suas famílias depende da venda de peças de barro, que atualmente ficam dispostas em frente às casas das louceiras, que recebem frequentemente encomendas. Olhando tanto para a situação socioeconômica de Cruz da Tereza quanto para a importância do saber associado à louça, além das atividades de educação com jovens e crianças, o engajamento das famílias dos estudantes é um fator decisivo para a continuidade dos estudos, quebrando um ciclo de falta de acesso à educação que é recorrente em gerações mais antigas e não de todo superado nas gerações mais novas.

Pensando nesse conjunto de fatores, a Unequico tem desenvolvido atividades de fomento à geração de renda com as mulheres da comunidade, que incluíram, em 2023, a confecção de louça tradicional em oficinas com uma mestra louceira da comunidade quilombola de Mãe D'Água, Francineide. Francineide é filha de dona Francisca, 78 anos, e sobrinha de dona Tereza, 82 anos, ambas ainda produzem louças na comunidade de Mãe D'Água.

A oficina de louça na Unequico teve um primeiro encontro, de dois dias, e contou com a participação de cerca de 15 quilombolas da comunidade de Cruz da Tereza, majoritariamente mulheres, mas também crianças, que puderam manusear e brincar com o barro, fazendo suas próprias peças que posteriormente foram queimadas em forno de barro pela louceira e distribuídas entre as participantes. Como resultados positivos, além de resguardar a técnica tradicional e toda memória nela contida, pode proporcionar uma alternativa de geração de renda. Em acréscimo, tem fortalecido laços entre duas das comunidades quilombolas do município, Cruz da Tereza e Mãe D'Água.

Para a oficina, o barro foi coletado em um barreiro no município. A preferência é por coletá-lo seco. Para prepará-lo para a modelagem, ele é amassado com um pedaço redondo de madeira, depois com a peneiração do barro batido; após passar pela peneira, faz-se a mistura com água para iniciar a modelagem. Em seguida, o barro molhado é colocado dentro de uma sacola plástica para conservar e manter a umidade, podendo ser usado com prazo de até um mês.

O passo seguinte foi a prática de modelagem, realizada na sede da Unequico. Com o barro devidamente conservado e preparado para o molde, a louceira Francineide orientou os participantes a moldarem com as mãos o barro de acordo com o utensílio ou objeto que quisessem criar, molhando paulatinamente em pouca quantidade até tomar formas.

Os participantes criaram diferentes objetos, como cuscuzeira, tigelas de barro, xícaras, cestas, painéis, pilão, pequenos copos e um barco. Depois da oficina de modelagem e criação dos objetos, o restante do barro úmido foi colocado novamente em uma sacola plástica para sua conservação e reutilização.

Cabe abordar o porquê da escolha destas práticas. A decisão sobre as atividades que a Unequico desenvolve é realizada com base nos saberes ancestrais e servem como forma de aprendizado de ofícios anteriormente valorizados nos quilombos, mesmo que atualmente em menor intensidade. É uma virada de chave, valorizar determinados saberes que foram marginalizados.

## **COMO ACOMPANHAR O PROCESSO?**

Vemos que os desafios para efetivação da Lei nº 10.639/03 no ambiente escolar são inúmeros, mas também chamam a atenção os indicadores socioeducativos mais gerais, que demonstram um baixo nível de letramento na escrita e leitura de grande parte das crianças e jovens assistidas pela Unequico. Para uma maior acurácia no planejamento das ações educativas, no âmbito da parceria entre universidade e comunidade, em 2021 passamos a desenvolver e implementar fichas de acompanhamento pedagógico. Com a análise e avaliação regular das fichas de cada estudante (no início e final do ano), concebemos índices alarmantes na defasagem do ensino e no processo de alfabetização das crianças do ensino fundamental I e II, a exemplo de alguns estudantes do 4º e 5º ano que ainda não conseguem ler ou escrever o próprio nome, além de não conseguirem efetuar simples operações matemáticas de soma ou subtração.

A ficha é individual para cada estudante e contém informações como nome, idade, se a criança possui laudo médico, se está ou não matriculada na rede pública de ensino, nível de escrita e aprendizagem, participação e comportamento. Sobre o rendimento, a ficha propõe uma investigação de acordo com o ano em que o aluno está matriculado, examinando questões como

reconhecer e escrever o próprio nome, escrever de forma legível, ler sozinho, compreender textos lidos em voz alta; escrever os números por ordem crescente e decrescente, calcular somas e/ou diferenças, identificar cédulas e moedas, realizar leitura e passagem do tempo em calendários, etc. Por último, há um quadro onde os(as) educadores(as) descrevem minuciosamente o desempenho, habilidades e as maiores dificuldades apresentadas por cada um.

Na última avaliação realizada, de acordo com as fichas preenchidas entre o ano de 2023 e o início do primeiro semestre de 2024, observamos que os alunos do Pré I e II estavam em processo de familiarização com as letras do alfabeto, sendo que mais de 50% ainda não tinham sido inseridos na escola no ano anterior. Outrossim, mais de 50% dos alunos do 1º ano reconhecem e escrevem o seu próprio nome sozinho ou com ajuda do professor, identificam as vogais e algumas consoantes, conseguem contar os números de 0 a 10, além de apresentarem comportamento participativo e um bom desempenho no que corresponde ao processo de alfabetização.

Em relação aos alunos matriculados no 2º ano, observa-se que 50% estavam em processo de aprendizagem, conseguindo ler e escrever o próprio nome, com caligrafia legível, identificando vogais e consoantes, reconhecendo os números de 0 a 20, conseguindo escrevê los por extenso, além de identificar algumas figuras geométricas, cédulas e moedas; grande parte manifesta interesse pela leitura e desenho, mas ainda com o auxílio do professor. Todos os estudantes do 3º ano estão alfabetizados e com ótimo desempenho escolar; compreendem e escrevem o próprio nome com letra legível, identificando vogais e consoantes, conseguem ler sozinhos ou com a ajuda do professor, reconhecem os números de 0 a 20, escrevendo-os por extenso, em ordem crescente, além de identificar algumas figuras geométricas, cédulas, moedas.

No que diz respeito aos alunos do 4º, 5º e 6º ano, percebe-se que 80% deles estão devidamente alfabetizados, apresentando resultados significativos na autonomia em realizar as atividades escolares; além disso, de acordo com os indicadores pedagógicos, a grande maioria consegue escrever o próprio nome com caligrafia legível, identificar vogais e consoantes, ouvir palavras e identificar sons e sílabas que as compõem, acompanha leituras individuais e coletivas, lê em voz alta e sinaliza elementos do que foi lido no texto. Na disciplina de Matemática, eles reconhecem os números de 0 a 20, escrevendo-os por extenso, realizam operações de soma e subtração, utilizando corretamente os sinais matemáticos, além de identificar figuras geométricas, cédulas, moedas, passagem no tempo de relógios digitais e em calendários.



Essas informações são muito importantes para o planejamento e aprimoramento da organização. É válido pontuar que, além dos processos de formação, os (as) educadores(as) recebem capacitações e/ou mentorias promovidas pelas colaboradoras da UFPB, como forma de aprimorar atividades pedagógicas desenvolvidas em sala de aula e fortalecimento institucional. Além disso, reuniões entre educadores quilombolas da Unequico e da UFPB têm firmado a parceria e auxiliado na avaliação e monitoramento dos indicadores provenientes das fichas, compartilhando experiências e situações cotidianas, a fim de buscar soluções para os desafios observados em sala.

Ainda nesse sentido, esses encontros são importantes para coleta e análise dos relatórios mensais escritos pelos(as) educadores(as), onde descrevem o conteúdo programado, habilidades da BNCC utilizadas, planos de aula, atividades temáticas, dificuldades e predisposições. É o momento também de pensar novas metodologias de ensino, planejar e discutir datas comemorativas e eventos ocorridos na comunidade e na organização.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Procuramos abordar, neste texto, práticas sociais de educação que vão além da escola, que se voltam para o fortalecimento dos territórios em questão, assim como suas modificações, adaptações e acomodações em atividades culturais, sociais e produtivas. Em termos analíticos, há processos, conteúdos e metodologias que florescem em territórios afrodescendentes, fora dos espaços formais de educação – mesmo que por vezes possam ser acessados. Esses conhecimentos são essenciais para contemplarmos o direito a uma história plural, que reforce a construção de representações sociais positivas sobre origens culturais de diferentes povos e coletividades. Observam-se aqui experiências de aprendizagem engajadas em combater formas de racismo, desigualdade e discriminação, diante (e apesar) da agressão da diáspora negra e da dominação colonial sobre inúmeros povos originários e oriundos da diáspora negra que fizeram das Américas sua morada.

Compreendemos, desse modo, a importância da realização de atividades que ressaltam a identidade quilombola e a cultura afrobrasileira a partir da cartilha e das aulas de reforço escolar, bem como as oficinas artísticas e de louça tradicional. Essas ações coordenadas permitem a

formação de um espaço em que os saberes ancestrais quilombolas são abordados de forma transversal e fazem parte do cotidiano dos conteúdos, aliando conhecimentos formais — que os estudantes quilombolas têm dificuldade de ter acesso de qualidade — e a memória dos ensinamentos deixados pelos mais velhos.

Não se trata da conformação de um sistema de educação autônomo, mas que busca quebrar ciclos muito antigos de falta de acesso à educação, visualizado nos altos índices de analfabetismo perceptível em gerações mais antigas, que relatam terem iniciado trabalhos pesados muito cedo, ainda na infância, com pouco espaço para o desenvolvimento de estudos. A educação, desse modo, se relaciona com uma luta pela contracolônização, aliando saberes quilombolas e da escola, compreendendo a educação como prática de transformação da sua realidade com base na vida comunitária.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Secretaria de Educação. **Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais**. Brasília: SECAD, 2010.

BRASIL. **Parecer CNE/CEB N° 16**, de 20 de novembro de 2012. Brasília (DF), 2012a.

GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de. Antropologia e educação quilombola: etnicidade e mediação. **Revista Entrerios**, Teresina, v. 3, n. 1, p. 10-26, 2020.

SANTOS, Antônio Bispo. **Colonização, quilombos: modos e significações**. INCT/UnB: Brasília, 2015.